

## Matéria e forma com causas dos eventos do mundo, em Aristóteles

Reinaldo Sampaio Pereira

**Como citar:** PEREIRA, R. S. Matéria e forma com causas dos eventos do mundo, em Aristóteles. In: GONZÁLES, M. E. Q. ; BROENS, M. C. ; MARTINS, C. A.(org.). **Informação, Conhecimento e Ação Ética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.181-194. DOI:<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-344-1.p.181-194>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## MATÉRIA E FORMA COMO CAUSAS EXPLICATIVAS DOS EVENTOS NO MUNDO, EM ARISTÓTELES

*Reinaldo Sampaio Pereira*

No capítulo dez do quinto livro da segunda parte de *Os Miseráveis*, Vitor Hugo relata como o inspetor Javert, em obsessiva caça a Jean Valjean, deixa o ardiloso fugitivo (juntamente com Cosette, uma menina que consigo levava) escapar-lhe à noite no beco Genrot, após cercá-lo de ambos os lados por homens recrutados pelo próprio Javert. Paralelamente à descrição da cena dramática, na qual a tensão vai se intensificando na medida em que o inspetor e seus homens adentram o beco escuro, Victor Hugo relata o prazer que o perseguidor sente a caminho da aparentemente próxima captura da sua desesperada caça, prazer esse, como parece sugerir o notável escritor, prolongado pelo adiamento da captura do fugitivo em outras ocasiões. No transcorrer da cena dramática, Vitor Hugo abrevia o desespero do fugitivo (e possivelmente motivando o alívio do leitor, se angustiado com a caça ao injustiçado J. Valjean) ao descrever o hábil plano arquitetado de improviso por este para escapar do beco sem que Javert e seus homens o vissem. Analisando a falha do

inspetor no episódio, que lhe rendeu posteriormente a vergonha de ir relatá-la no comissariado de polícia, o escritor francês apresenta uma analogia entre a asneira de Javert (ao cometer erros sucessivos na tentativa de capturar o fugitivo, vários dos quais, como mencionado, para prolongar o prazer da incessante caça a Jean Valjean) e uma corda: “[h]abitualmente, as grandes asneiras são, como as cordas grossas, formadas de uma multidão de fios. Peguem na corda e desfiem-na, tomem separadamente todos os pequenos motivos determinantes, e dirão, quebrando-os um a um: ‘Então é só isto!’ Entrancem-nos, porém, e torçam-nos todos, e tornar-se-ão uma enormidade” (VITOR HUGO, 1985, p. 478).

Semelhante ao modo como ocorrem as asneiras, segundo o supramencionado relato de V. Hugo, podemos pensar um efeito no mundo sublunar, em Aristóteles, como sendo resultante de uma multiplicidade de causas (no sentido moderno, enquanto aquilo que traz em gérmen determinado efeito). Assim como as grandes asneiras constituem-se no resultado da somatória de pequenas asneiras que, ao entrecruzarem-se, perfazem-na, similarmente, um evento no mundo (sublunar) é sempre o resultado de outros eventos que, de certo modo, motivaram-no. Se, em Aristóteles, conhecemos melhor algo quando conhecemos as suas causas (*Met.* A 981a24), e se os eventos que engendram outro evento constituem-se, de certo modo, em causas deste, tanto mais difícil compreender um evento quanto mais complexo ele for (quanto maior o número de outros eventos que estiverem motivando-o). Considerar a potencialidade de um evento que é resultante da inter-relação de outros (semelhantemente à necessidade de considerar a multiplicidade de pequenas asneiras para compreender uma grande asneira), a rigor, pressupõe pensar as potencialidades que nas suas possíveis inter-relações perfazem a potencialidade do evento em questão. Se a análise das potencialidades dos eventos do mundo já encerra múltiplos problemas, investigar o entrecruzamento dessas implica em ampliar a dificuldade de compreender a potencialidade de um ente qualquer quando pensada na emaranhada malha de potencialidades que pode engendrar a referida potencialidade.

A análise rigorosa de um efeito no mundo sublunar, na medida em que implica o entrecruzamento de outros efeitos para que possa ocorrer, exige a análise de todos os efeitos geradores do efeito resultante.

Cada um destes, uma vez que pode ser resultante da ação intercambiada de outros efeitos, pode, por sua vez, exigir análise de outros tantos efeitos, com isso, complicando ainda mais a análise dos eventos no mundo (sublunar) e, conseqüentemente, a potencialidade dos entes deste, quando considerada como resultante da inter-relação de outras potencialidades. Os acontecimentos (tanto movimentos quanto alterações) no mundo (sublunar), da perspectiva para a qual estamos chamando a atenção, perfazem uma intrincadíssima rede de múltiplos e complicados fios que se entrelaçam em cordas que, por sua vez, também se entrecruzam. O mundo (sublunar), dessa perspectiva, seria um emaranhado de fios de cordas, de multiplicidades de potencialidades.

A despeito dos múltiplos fios que constituem a intrincada rede de potencialidades do mundo sublunar, este não se apresenta, em Aristóteles, como absolutamente caótico, sem acontecimentos regulares, o que o tornaria incompreensível, como um livro fechado. Se é vedada, em muito, a possibilidade de compreender os meandros da complexa rede de potencialidades que se desenvolvem no mundo sublunar, por outro lado, este se apresenta escrutável, de certo modo, à razão, sendo possível certo desvelamento de determinado comportamento seu de dupla perspectiva: (1) primeiramente, é possível conhecer, ainda que de modo *negativo*, alguns comportamentos (movimentos e alterações) que os entes não podem ter, o que já torna acessível, em grande medida, certo conhecimento acerca do comportamento deles, pois saber o que algo não realiza e não pode realizar já é ter certo conhecimento acerca do seu comportamento. É possível apreender, em certa medida, aquilo que transcende os limites de possibilidade de vir a ser do ente, portanto conhecer o que não pertence ao âmbito da sua potencialidade. Se, muitas vezes, não se pode saber o que ocorrerá com certa porção de água, uma vez que o que com ela sucederá irá depender das causas que sobre ela incidirão, ainda assim é possível, independentemente das causas que sobre ela poderão vir a incidir, determinar aquilo que ela não poderá vir a ser, como uma serra. Uma porção de água jamais pode vir a ser uma serra, independentemente da habilidade do construtor de serra ou de quaisquer outras causas; (2) segundo, é possível conhecer alguns comportamentos *positivos* próprios ao ente, pois, ainda que o seu comportamento esteja circunscrito na esfera de

potencialidades na qual cada potencialidade possui estreita relação com as demais, cada ente não é determinado exclusivamente pelas cadeias causais que sobre ele incidem, o que conduziria a absurdos como duas cadeias causais iguais teriam que motivar exatamente o mesmo comportamento em dois entes distintos, se o mesmo contexto externo se apresentasse, o que contrariaria alguns bem estabelecidos princípios físicos (como o do lugar natural dos corpos) e metafísicos (como o de não contradição) da filosofia aristotélica. Afirmar que um corpo constituído de fogo deve ter o mesmo comportamento que o constituído de terra, quando consideramos o mesmo contexto externo no qual ambos podem estar inseridos, seria desconsiderar o lugar natural dos corpos, bem como violar o princípio de não contradição, uma vez que o mesmo contexto poderia gerar, em um mesmo ente, efeitos contrários simultaneamente. Se desconsiderássemos a composição material dos corpos, eliminaríamos um componente determinante do seu comportamento. Considerando essa hipótese, que não encontra qualquer amparo na filosofia aristotélica: em movimento natural, a um corpo qualquer não faria mais sentido subir que descer. É forçoso, portanto, que a composição do ente, de algum modo, seja determinante do seu comportamento e também do comportamento dos demais entes que sobre ele terão alguma relação causal, em uma corda de múltiplos vínculos causais. Nesse sentido, a materialidade do ente determina, de certo modo, o seu campo de potencialidades, circunscrevendo o domínio das possibilidades do que ele poderá vir a ser ou do modo como ele poderá vir a se comportar. É porque o que determina a plasticidade de um corpo (isto é, aquilo que ele poderá vir a ser) é, de certo modo, a sua materialidade, que a potencialidade, identificando-se com a matéria (*Met.* Λ 1069b14), implica certa indeterminação. Mas a indeterminação da materialidade exige, na investigação deste artigo, algumas observações.

A matéria prima, sem qualquer determinação, enquanto aquilo que subjaz a toda forma (dos entes compostos), seria pura indeterminabilidade, plasticidade absoluta, conteria todas as formas possíveis em germen, em potência. Contudo, a matéria prima parece se constituir em expediente meramente didático, em Aristóteles, recurso utilizado para lhe possibilitar, em alguns contextos, contrapô-la à forma enquanto aquilo que precisamente comporta as determinações do ente. Nesse sentido, notemos que inexistente,

quer no mundo supra ou sublunar, entes destituídos de atualidade, os quais afiguram-se-iam em pura potencialidade, muito embora haja entes em ato destituídos de potencialidade, como o primeiro motor imóvel. A pura potencialidade seria capaz de receber qualquer atualidade. Absurdos daí decorreriam: se houvesse a matéria pura no mundo sublunar, portanto totalmente indeterminada, Aristóteles teria que assentar sua investigação física sobre outros princípios que não o do lugar natural dos corpos, uma vez que subir, por exemplo, não seria menos provável que descer, para um ente hipoteticamente constituído de pura materialidade em movimento natural. Ademais, não poderia o Estagirita afirmar a teleologia da natureza, se não fosse possível sustentar a possibilidade de uma finalidade para a pura potencialidade. Mas que finalidade poderia haver para um ente puramente material, se ele não é determinado, com isso não se distinguindo dos demais? Como o constituinte indeterminado de um ente poderia circunscrever os limites das suas potencialidades, isto é, daquilo que ele poderia vir a ser? A solução desta aporia exige a diferenciação entre dois sentidos no emprego do termo ‘matéria’, a saber, enquanto substrato indeterminado, mero depositário das formas, e enquanto algo que comporta certa forma, como nos quatro elementos ou como quando dizemos que a matéria da estátua é o bronze. O que, de certa perspectiva, pode ser considerado forma, de outra, pode vir a ser tomado como matéria. O bronze, por exemplo, pode ser pensado como forma da materialidade indeterminada, o que o distinguiria da prata ou do ferro. De outro ponto de vista, pode ser considerado matéria. Nesse segundo sentido, não permitindo a distinção dos objetos. Se dizemos apenas que algo é de bronze, nada afirmamos sobre os contornos ou a função própria do objeto que é constituído dessa materialidade, mas tão somente sobre a matéria (o bronze) que subjaz a alguma forma, seja a forma de Hermes ou qualquer outra.

Uma vez que a matéria enquanto substrato indeterminado é pura indeterminação, pura plasticidade, ela não afigura como a matéria enquanto determinabilidade, mas tal seria a matéria que comporta certa forma, assim como em relação aos elementos primeiros (terra, água, ar e fogo) ou ao bronze na estátua de Hermes. É essa matéria que possui forma própria que, de certo modo, determina (i) *negativamente* o campo de potencialidades (tanto no concernente ao (a) devir quanto à (b) mudança

de lugar) próprio a cada ente, independentemente do contexto externo no qual ele está inserido: (a) independentemente das cadeias causais que possam vir a incidir sobre uma porção de água em estado líquido, ela jamais poderá vir a ser estátua, (b) assim como uma pedra jamais poderá subir em movimento natural, visto que é constituída de terra, cujo lugar natural é embaixo. Para poder vir a ser estátua, recebendo a forma de Hermes ou outra forma qualquer, é mister que a água se solidifique, tornando-se “plástica” o suficiente para poder receber a forma de Hermes ou outra forma qualquer.

Ademais, a matéria é um dos determinantes não apenas da estrutura ou do comportamento que o ente poderá vir a ter, mas, de certo modo, também da sua função. Como já mencionado, não é possível a construção de uma serra (que execute com eficiência o propósito para a sua construção, ou seja, atendendo a sua função) de lã ou de madeira (*Met.* H 1044a25), independentemente da habilidade de quem a constrói. Nesse sentido, a matéria consiste em importante causa para possibilitar à serra bem exercer a sua função. Se vamos construir uma serra, ela não poderá ser de lã (*Met.* H 1044a27), mas terá que ser constituída de material resistente o suficiente para o cumprimento da função a ser desempenhada pela serra, qual seja, cortar outros materiais, como a madeira: o ferro (enquanto causa material da serra), por exemplo, é apropriado para que ela venha a exercer bem a sua função de serrar. A serra não necessariamente poderá ser constituída com um único tipo matéria, mas deverá ser de qualquer matéria que lhe possibilite bem exercer a sua função. Poderá, assim, ser constituída de ferro ou de bronze. Não obstante, ela não poderá ser feita de uma diversidade de materiais, como a lã. Também (ii) *positivamente* a materialidade ajuda a circunscrever o campo de potencialidades de um ente, tanto no que diz respeito ao (a) devir quanto ao (b) movimento: (a) o bronze ou a pedra são potentes para receberem a forma de Hermes. Para tal, necessitam que uma causa eficiente (por exemplo, o escultor) sobre eles aja, de modo a conferir-lhes a forma de Hermes. (b) Quanto à determinação positiva do movimento dos entes pela materialidade, há certa relação entre o comportamento destes e suas constituições materiais, de modo tal que a composição material do corpo constitui-se como um dos determinantes do seu comportamento.

(2) No concernente à acepção física de potência, isto é, a potência considerada não mais enquanto o que pode vir a ser (assim como a semente é uma planta em potência), mas enquanto princípio de movimento, notemos primeiramente que a materialidade (determinada), como a terra, o fogo, o ar e a água, é, de certo modo, princípio de movimento natural (*Fís.* II, 192b14). No concernente à mudança de lugar, não podemos afirmar a potencialidade (na acepção física) da matéria quando se trata do movimento violento. A matéria de um corpo (como o bronze da estátua ou a madeira da mesa) não é potente para deslocá-lo em movimento violento, carecendo, para tanto, de um agente externo (causa eficiente). Contudo, no que concerne ao movimento natural, podemos afirmar a potencialidade (na acepção física) da materialidade de um corpo, uma vez que, em movimento natural, a constituição material de um corpo influencia na determinação do seu deslocamento. Um corpo constituído de terra tende a se deslocar para baixo, quando fora do seu lugar natural, se nada externo impedir, assim como um de fogo, para cima. Ao estabelecer que os corpos são constituídos de porções mínimas de matéria, a saber, os quatro elementos, e ao sustentar que cada um desses elementos constituintes de toda a materialidade possui seu lugar natural, delimitando o campo de possibilidades de movimento dos entes, Aristóteles começa a determinar as possibilidades de comportamento (isto é, as potencialidades) dos corpos do mundo sublunar. Concorde com os seus pressupostos teleológicos, o Estagirita afirma a existência do movimento natural dos corpos, quando eles, a partir da sua composição material, tendem ao seu lugar natural, e, a ele chegando, tendem a se manter em repouso.

A materialidade, no que concerne ao movimento violento, não tem em si o princípio da mudança e também do movimento, mas ela é, em certa medida, determinante *negativamente* do comportamento dos entes enquanto princípio que resiste à mudança e ao movimento: o bronze é mais resistente a uma serra de ferro que a madeira, contendo aquele um princípio de maior resistência que a madeira para não ser alterado pela serra. Sendo assim, no concernente à passividade da acepção física de potência, a materialidade é um dos determinantes da configuração das potencialidades dos entes (tanto no que se refere à mudança qualitativa ou quantitativa, quanto à mudança de lugar): quando determinado ente

age sobre certo corpo, a materialidade deste afigura-se como um dos determinantes se ele irá se mover ou não, e, podendo se mover, como poderá ser o seu movimento.

Ilustrando certa complicação das relações causais dada pela materialidade com um exemplo moderno: em um possível choque entre duas bolas de bilhar, se a bola que receberá a batida vai entrar em movimento e que tipo de movimento será realizado dependerá não apenas dela e do contexto em que ambas se encontrarão, mas também da bola que estará em movimento no momento do choque. Sem pensar aqui em como a forma desta bola poderá influenciar no choque entre ambas, e, conseqüentemente, no movimento da segunda (se ela tiver maior diâmetro, por exemplo, provavelmente aumentará a chance de mover a segunda bola e também de a quantidade de movimento resultante ser maior que seria, desde que as condições externas sejam propícias para tal), nosso interesse aqui é observar que a materialidade de que é constituída a bola que irá se chocar não é indiferente para a determinação do choque e, portanto, para o comportamento de ambas as bolas. Se a primeira bola for de bronze, o efeito resultante poderá ser de determinado tipo, se for de madeira, poderá ser completamente diferente. Também não é indiferente a composição material da segunda bola para a determinação se ela irá ou não se mover com o choque, e, movendo-se, que tipo de movimento poderá realizar. Essa materialidade afigura como a potencialidade em sua acepção metafísica. Decorre disso que pensar o evento em questão a partir da passividade da bola que entrará em movimento pela primeira implica em pensar, de certo modo, as potencialidades (na acepção metafísica) implicadas no evento. Não se trata aqui de um argumento sofisticado em que o problema é engendrado a partir do uso de modo indistinto das duas anteriormente mencionadas acepções de materialidade. Estamos aqui valendo-nos da matéria não enquanto substrato indeterminado de um ente, mas da matéria enquanto comportando alguma determinação. É justamente essa determinação que permite distinguir as materialidades distintas (o bronze e a madeira) da mesma forma (circular) das bolas de madeira e de bronze.

Não obstante certa determinação das potencialidades (tanto na acepção metafísica quanto física) de um ente pela sua materialidade, pensar rigorosamente acerca das possibilidades do seu comportamento

implica considerá-las a partir das potencialidades de outros entes do mundo sublunar, portanto considerar a cláusula “se nada externo impedir” (Θ 1048a17; 1049a7), apresentada, em *Met.* Θ, justamente no contexto em que o Estagirita trata de determinar o que confere potencialidades a um ente. O comportamento dos entes do mundo sublunar é resultante da complexa rede de potencialidades que neste se efetivam. A efetivação de uma potencialidade é dependente da intrincada rede de outras potencialidades. Se uma pedra pode se deslocar horizontalmente quando outra contra ela se choca, assim não poderá ocorrer ou ocorrerá de modo diferente, se ela estiver presa em meio a escombros. De certa perspectiva, o mundo sublunar é um complexo de materialidades (revestidas por formas específicas), as quais, ao se relacionarem, umas podem influenciar no comportamento das outras: certos entes materiais podem influenciar no comportamento de outros. A causa material, portanto, constitui-se em um dos elementos determinantes do comportamento dos corpos (quer os consideremos da perspectiva da sua passividade ou da sua atividade), consequentemente, também da intrincada rede de potencialidades que se efetivam (ou não) no mundo sublunar.

Para um preciso mapeamento dos elementos responsáveis pelas potencialidades de um corpo é preciso não apenas considerar a materialidade própria a ele, mas também a materialidade dos outros corpos que terão alguma influência no comportamento que o primeiro corpo poderá ou não vir a ter. Mas explicar a materialidade não apenas de um ente específico, mas também dos outros que estão inseridos no campo de potencialidades de um certo contexto, muito embora necessário, não é ainda suficiente para elucidar a complexidade da rede de potencialidades em questão. A madeira, por exemplo, enquanto causa material, é condição necessária, mas não suficiente, para a estátua de madeira, uma vez que o artesão necessita também da materialidade (com a forma própria) do cinzel ou outro instrumento qualquer para moldá-la. A análise da madeira, por si só, não é suficiente para se compreender como ela pode vir a ser estátua, nem tampouco a materialidade do cinzel, juntamente com a materialidade da madeira da estátua, fornecem explicação suficiente para a compreensão de como a madeira pode vir a ser transformada em estátua. É evidente, por conseguinte, que a materialidade não é a única responsável pela

determinação da potencialidade de um ente (tanto no que diz respeito ao (1) paciente que está (a) sendo alterado ou (b) deslocado de lugar quanto ao (2) agente que está (a) transformando ou (b) deslocando algum paciente). Para isso, a forma apresenta-se também como relevante causa explicativa dos eventos no mundo (sublunar)<sup>1</sup>.

No concernente à análise da forma, alguns problemas surgem em decorrência da maleabilidade conceitual empregada por Aristóteles no *corpus*, a qual é exigida por aquilo a que ela se reporta. Notemos que a forma é dita, muitas vezes, em relação àquilo que, de certa perspectiva, é considerado matéria. Daí a necessidade da maleabilidade no emprego de “forma”, bem como no de “matéria”. Se o bronze se constitui na forma de certa materialidade indeterminada, por outro lado, quando se trata da estátua de bronze, ele afigura como matéria da mesma, enquanto que a sua forma é representada, por exemplo, pelos contornos que essa materialidade, o bronze, vem a receber. Não obstante certa relativização do que poderia ser considerado forma nos corpos, de vários pontos de vista ela assume grande importância quando pensamos na intrincada rede de potencialidades do mundo sublunar, uma vez que a forma possui importante função na determinação das potencialidades dos entes. Se, de uma perspectiva metafísica, a potência se identifica com a matéria (*Met.* Λ 1069b14), e a forma, com a efetividade (*Met.* Θ 1050a15), observemos que a forma é responsável pela determinação de certas potencialidades nos entes materiais. Ademais, no que concerne ao vir a ser dos entes do mundo (sublunar), a forma, enquanto paradigma para o vir a ser de algo, no sentido de determinar o fim a que ele deve chegar, constitui-se em causa final, engendrando potencialidades, tanto no que diz respeito a) à produção (*poiésis*), mediante técnica apropriada, quanto b) ao vir a ser natural.

(a) A técnica apropriada do artesanato, por exemplo, permite que ele consiga conferir certa forma a uma materialidade apropriada para

---

<sup>1</sup> Aristóteles propôs quatro causas explicativas dos eventos no mundo (tanto o mundo sublunar quanto o supralunar), quais sejam, as causas material, formal, eficiente e final (como se convencionou verter cada uma das expressões que designam cada uma das quatro causas). Neste artigo, estamos tratando especificamente das causas material e formal, e apenas a partir da noção de potencialidade. Trata-se, aqui, de examinar como as noções de matéria, forma e potencialidade assumem grande importância na explicação dos eventos no mundo, sobretudo o sublunar. Não estamos, portanto, com isso, buscando as condições suficientes para explicar os eventos no mundo. Se esse fosse o propósito do artigo, o estudo da causa final talvez devesse ganhar atenção especial, e a causa eficiente afiguraria como outro relevante elemento explicativo dos eventos no mundo.

recebê-la (como ao construir uma boa serra), e para que o objeto a ser construído possa bem desempenhar a sua função. É por, de certo modo, apreender previamente a forma do objeto a ser produzido que alguém tem potencialidade para construí-lo (quando nada externo o impede de fazê-lo) de modo não acidental. Quanto à forma da serra, é mister que esta tenha dentes disponíveis de tal e tal modo (além da matéria apropriada) para que seja eficiente para serrar a madeira ou outro ente material qualquer. Talvez a serra não fosse eficiente, se tivesse a forma quadrangular e não redonda (portanto não permitindo atingir o fim que lhe é próprio, a saber, serrar outros materiais), ou então se seus dentes fossem disponíveis de tal modo a gerar menor atrito em contato com o material a ser cortado, ou não permitindo o impulso ou firmeza necessários para que ela gire em contato com o ente material a ser serrado, conseqüentemente, não possibilitando ao artesão (ou outra causa eficiente qualquer) atingir seu fim de serrar a madeira ou outro material qualquer. No concernente à *poiésis*, portanto, a forma, de certo modo, é determinante de potencialidades no sentido de possibilitar àqueles que a possuem previamente poderem construir algo de tal forma. Quando considerada a partir do objeto construído, a forma é determinante de potencialidades no sentido de possibilitar ou não, de certo modo, o comportamento do objeto construído, assim como a forma da serra é, em certa medida, determinante se ela poderá ou não serrar a madeira e, podendo serrá-la, qual a sua eficiência para isso.

No concernente à mudança qualitativa no mundo sublunar, a forma, de certo modo, é determinante das potencialidades de como pode vir a se transformar o ente. A potencialidade dada pela materialidade do ente não consiste em pura indeterminação (visto que a matéria prima, em Aristóteles, tem existência apenas no plano discursivo), mas determinabilidade. Isso implica que ela não pode vir a ser qualquer coisa, mas há coisas que ela não pode vir a ser, portanto o seu campo possível de vir a ser é limitado. Esse limite é dado em parte por certa forma engastada na materialidade do ente composto (nesse sentido, não é possível fazer uma estátua de água. Esta necessita, para tanto, tornar-se antes gelo, vindo a ser moldável, plástica o suficiente para receber certa forma, aí então podendo vir a ser transformada em estátua). Por outro lado, esse limite é dado não apenas pela forma própria à materialidade do ente composto, mas também por aquilo que se

apresenta como a forma que o gelo virá a receber após ser transformado pelo artesão ou por uma causa eficiente qualquer, opondo-se à forma engastada na materialidade, assim como a forma de Hermes em relação ao bronze. Quando se trata da produção de algo por um artesão ou por uma causa eficiente qualquer pelo uso de técnica apropriada, não apenas a causa material (não enquanto mero substrato indeterminado, pois como poderia o indeterminado ser determinante de como comportar-se-á certo corpo?) é necessária para poder explicar como é possível chegar ao produto da técnica, mas também a causa formal, uma vez que ela afigura como aquilo que, em certa medida, possibilita à materialidade, mediante a causa eficiente, chegar a um certo fim, isto é, vir a receber determinada forma.

No que diz respeito à importância da forma na determinação do comportamento dos corpos: valendo-nos novamente do exemplo moderno da mesa de bilhar: o comportamento que as bolas de bilhar poderão ter dependerá não apenas do movimento engendrado pelas causas eficientes imediatas (sejam estas o taco do jogador ou outra bola que engendra movimento em uma segunda), mas dependerá também das formas das bolas. Se as bolas não estiverem completamente arredondadas, certamente terão movimentos distintos do que teriam se estivessem perfeitamente redondas. Terão também comportamentos distintos do que teriam se tivessem menor diâmetro. Se, ao invés de contra outra bola, uma bola em movimento se chocasse com um quadrado (um objeto com a forma de quadrado), o movimento seria distinto daquele que seria realizado se, ao invés de um quadrado, a primeira bola se chocasse com uma segunda, ainda que a materialidade do quadrado e a da segunda bola fosse a mesma. Isso é um indicativo de que a forma, de certo modo, pode ou não conferir certas potencialidades à materialidade.

(b) Quanto à análise do vir a ser natural dos entes (trata-se aqui apenas dos entes sublunares, visto que os supralunares são eternos), portanto compostos de matéria e forma (uma vez que não existe ente destituído de forma, e os entes puramente formais não estão sujeitos ao devir), a forma assume importância decisiva, na medida que ela se apresenta, de certo modo, como reguladora do vir a ser dos entes sublunares. A forma determina, em grande medida, como portar-se-ão os constituintes materiais de um ente, tanto no que diz respeito à geração quanto à transformação. Exemplo

da forma gerenciando a materialidade na geração (portanto ajudando a determinar como algo poderá vir a ser gerado) é flagrante em exemplos como “o homem gera o homem” (*Met.* Λ 1070b34; *Fís.* 193b8). O homem, ao gerar, não gera outro ente com uma forma qualquer, mas outro ente com certa materialidade própria (isto é, com a forma própria engastada na sua materialidade) e também com determinada forma, isto é, com forma própria ao homem. Isso porque, na geração, a forma é anteriormente dada (não apenas do ponto de vista substancial, mas também do ponto de vista cronológico, quando consideramos a geração a partir da espécie e não do indivíduo; nesse sentido, os indivíduos gerados possuem a forma da espécie), isto é, no sêmen do genitor está a ordem que resulta na forma do animal (*Geração dos Animais* I 729a9; II 734a4; II 737a18).

Sendo assim, é mister questionar se os elementos simples (a terra, a água, o fogo e o ar), por si só, são suficientes para se arranjam de modo tal a formarem a multiplicidade dos indivíduos do mundo sublunar tais quais eles são. Mas, se o comportamento natural dos elementos mais simples fosse suficiente para a composição da materialidade de modo a resultar nas formas que possuem, estes certamente guardariam suas potencialidades assim como tinham antes da organização em um ente de tal e tal forma, o que não ocorre, em Aristóteles. Nos organismos vivos, os elementos simples podem se comportar de modo distinto como comportar-se-iam naturalmente, se não fossem componentes de um ente de tal forma e, conseqüentemente, com tal função e potencialidade. A forma, de certo modo, é responsável pela organização dos elementos materiais que irão compor o ente engendrado.

Algumas passagens dos escritos biológicos de Aristóteles evidenciam que o comportamento dos órgãos de um animal não é determinado exclusivamente pela sua materialidade, nem tampouco a sua formação é determinada pelas potencialidades dos seus elementos constituintes. Neste sentido, não é possível explicar a formação de tais órgãos e seus comportamentos, bem como daqueles que possuem tais órgãos, a partir apenas da organização determinada pelas potencialidades da materialidade que os compõe. Na formação dos órgãos dos animais, bem como na formação destes, há uma forma que preside certa disposição das suas materialidades constituintes, de modo tal a os animais terem certa

forma e não outra (o homem gera o homem -*Met.*  $\Lambda$  1070b34; *Fís.* 193b8). Após o agrupamento dos elementos constituintes, presididos por certa forma, estes perderiam parte das suas potencialidades iniciais, condição necessária para poderem compor e se comportar como órgãos dos animais, na medida que o comportamento dos órgãos dos animais pode contrariar o comportamento material dos seus elementos constituintes.

Se a forma e a matéria não são suficientes para explicar as cadeias causais que atuam no engendramento de algum evento no mundo sublunar, quer seja em relação à geração e ao desenvolvimento dos seres vivos quer seja em relação ao comportamento dos seres inanimados ou outro evento qualquer, por outro lado, elas se apresentam como condição necessária para tal. A matéria e a forma são, em boa medida, determinantes da complexa rede de potencialidades que possibilita múltiplas atualizações no mundo sublunar, afigurando como duas significativas causas explicativas dos eventos neste.

## REFERÊNCIAS

- AQUINAS, S. T. *Commentary on Aristotle's Metaphysics*. [S.l.]: St. Augustine's Dumb Ox Books, 1995.
- ARISTOTLE. *Metafísica*. Edición Trilingue por Valentín García Yebra. 2. ed. Madrid: Gredos, 1982.
- ARISTOTLE. *Physica*. Translated by R. P. Hardie and R. K. Gaye. Oxford: Oxford University Press, 1930.
- VICTOR HUGO. *Os Miseráveis*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. v. 1.